



A FACE MENOS VISÍVEL: VIOLÊNCIA NO NAMORO

Natalia de Quadros Oliveira¹
Paula Regina Costa Ribeiro²
Suzana da Conceição de Barros³

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar as narrativas dos/as adolescentes de 9º ano de uma escola pública no município de Rio Grande/RS sobre a violência no namoro. Os dados foram produzidos a partir de esquetes, em que os/as adolescentes deveriam reproduzir alguma situação que envolvesse violência no namoro. Ao olharmos os esquetes produzidos percebemos as violências encenadas, em sua grande maioria, direcionadas às mulheres, as mesmas envolviam o ciúme, cobranças referentes aos seus corpos, entre outras. Assim, pensar estratégias para abordar questões que perpassam a vida dos sujeitos e sensibilizar para a prevenção de violências é fundamental para a formação dos mesmos.

Palavras-chave: Educação. Violência no namoro. Gênero.

Introdução

Esse trabalho é um recorte da dissertação de mestrado, que teve como objetivo investigar as narrativas de gêneros de estudantes de uma escola pública na cidade do Rio Grande/RS. Durante a pesquisa realizamos diversas atividades, que visaram discutir sobre o conceito de gênero, sobre a produção das masculinidades e feminilidades, profissões generificadas, violência de gênero e violência no namoro com as/os estudantes. Neste trabalho, nos debruçamos em olhar as narrativas das/os estudantes sobre violência no namoro.

Essa é uma problemática que vem ocorrendo com frequência nos relacionamentos, conforme uma pesquisa realizada pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - Ensp e Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, “80% dos cerca de quatro mil adolescentes investigados nas diferentes regiões do país já sofreram algum tipo de violência no namoro” (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).


Entendemos que discussões que abordem temáticas sobre gêneros, sexualidades e violências no espaço escolar são importantes, visto que a escola é um lugar privilegiado para as questões relacionadas aos relacionamentos. Outrossim, concordamos com Martins ao dizer

¹ Mestra em Educação em Ciências – Universidade Federal do Rio Grande – natioliveira93@hotmail.com

² Professora Titular, Bolsista Produtividade CNPq 1C – Universidade Federal do Rio Grande – pribeiro.furg@gmail.com

³ Doutora em Educação em Ciências – Universidade Federal do Rio Grande - suzinhab@yahoo.com.br





que “a escola é um dos principais espaços de sociabilidade das pessoas jovens, o exercício da sexualidade constitui dimensão fundamental da vivência escolar” (2017, p. 15). Para tanto, buscamos analisar as narrativas sobre violência no namoro das/os estudantes de nono ano de uma escola pública no município de Rio Grande/RS.

Contextualizando a Violência no Namoro

A violência no namoro caracteriza-se como qualquer ação física, verbal, moral ou psicológica, ou seja, qualquer ato simbólico que cause dano ou sofrimento a alguma das partes envolvidas no relacionamento (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011). A violência no namoro por muitas vezes é desconhecida pelas partes envolvidas no relacionamento, uma vez que, na grande maioria dos casos, o entendimento de violência é apenas da esfera física.


Para Nascimento e Carneiro (2011), essa violência entre os casais é resultado de um contexto cultural que produz estas relações a partir de determinados costumes e os modos de compreender as posições de mulheres e homens. Além disso, para Felipe e Macedo (2014, p. 2801) as relações que se dão entre os casais “vão estar inundadas por crenças que vão sendo construídas a respeito de autonomia, equidade ou submetimento também nas relações afetivo-sexuais, vinculadas aos padrões de gênero veiculados por distintos agentes sociais”.

Essas relações afetivas em geral acontecem justificadas pelo amor, que é entendido como um “sentimento intenso do ser humano que, partindo de sua própria insuficiência, necessita e busca o encontro e união com outro ser” (FELIPE; MACEDO, 2014, p. 2801). Logo, parte-se do pressuposto que cada sujeito deve se unir a alguém para, então, viver em plena felicidade. Assim, algumas pessoas se submetem a determinados relacionamentos em busca dessa complementaridade.

Nesse jogo de submissão em um relacionamento, os danos de violência no namoro, sejam eles, emocionais, psicológicos, morais ou físicos, são vivenciados, na maioria dos casos, pelas mulheres (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; OLIVEIRA; ASSIS; NJAINE; PIRES, 2016; MARTINS, 2017), o que poderíamos atribuir à história em que elas foram produzidas como subalternas na hierarquia entre homens.

Todavia, é necessário discutir sobre os motivos que ocasionam a permanência nesses relacionamentos violentos. Nascimento e Cordeiro, discutem que a violência pode ter um papel de “mantenedora do relacionamento, dentro de um jogo estabelecido entre o casal, ser utilizada por eles como forma de posicionar-se na relação, ser um canal de comunicação e diálogo entre eles, além de constituir, muitas vezes, a forma de dar a palavra final” (2011, p. 519). Porém, entendemos que pela naturalização dessa violência, principalmente contra às





mulheres, e, o não reconhecimento das outras formas de violência (verbal, psicológica e moral), é que a violência continua a se perpetuar nos relacionamentos.

A partir dessa discussão sobre a violência no namoro e algumas variáveis para a permanência dela nos relacionamentos, apresentamos os caminhos metodológicos que trilhamos para análise das narrativas sobre essa temática com as/os estudantes de uma escola pública na cidade do Rio Grande/RS.

Caminhos Metodológicos

Para a atividade sobre violência no namoro, as/os estudantes foram separadas/os em dupla, primeiramente, uma/um integrante da dupla deveria representar a/o parceira/o ciumenta/o, que demonstrasse posse sobre a/o outra/o, era necessário, ainda, que a/o outra/o não soubesse desse detalhe. Após tais instruções, as duplas ficaram livres para se agruparem e montarem grupos maiores. Com esses grupos montados, solicitamos que as/os estudantes criassem esquetes em que deveriam apresentar uma situação do seu cotidiano quando estão em um namoro.

Analisamos as narrativas produzidas nos esquetes em que as/os estudantes criaram cenas cotidianas e narraram alguns acontecimentos. Utilizamos a investigação narrativa como estratégia para produção dos dados, entendendo que “a principal razão para o uso da investigação narrativa na pesquisa educacional é que os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivem vidas narradas” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11, tradução nossa). Além das narrativas presentes nos esquetes, analisamos também àquelas provenientes da discussão realizada com as/os estudantes posterior à apresentação de cada grupo.

Para o exame das narrativas, utilizei as contribuições de Larrosa (1994, 1996) que discute a narrativa como uma modalidade discursiva em que, através das narrações as pessoas constroem os sentidos tanto de si quanto de suas experiências. Assim, as narrativas produzidas pelas/os adolescentes com relação à violência no namoro foram construídas e reconstruídas em relação a outros textos – da família, da escola, da mídia, da medicina, da psicologia, entre outros –, pois a narrativa da experiência de si “não é algo que se produza em um solilóquio, em um diálogo íntimo do eu consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, entre textos” (LARROSA, 1994, p. 70).





Apresentando e discutindo as narrativas

Ao olharmos os esquetes produzidos percebemos as violências encenadas, em sua grande maioria, direcionadas às mulheres, as mesmas envolviam o controle de roupa, cobranças referentes aos seus corpos, ciúme, entre outras. Além disso, a violência verbal foi predominante entre as apresentações, com xingamentos e menosprezos contra as mulheres, conforme a narrativa: *“Oi pessoal, temos que esperar um pouquinho porque minha namorada não está pronta ainda, pra variar. [Namorada chega na sala] Que roupa é essa? Esse short curto! Vai sair assim? Vai logo trocar! Tá pensando o quê, que apanhar na frente de todo mundo?”*(A1⁴). Isso corrobora com a discussão de Nascimento e Cordeiro ao narrarem que “no tocante aos agravos, sejam eles de natureza psicológica, física, financeira ou emocional, há consenso que os danos causados são mais significativos para as mulheres do que para os homens” (2011, p. 518).

Quando questionadas/os sobre suas percepções sobre a atividade, uma aluna comenta *“Eu achei legal a atividade, mas fiquei triste porque sei que esses fatos acontecem de verdade”* (A2). Observamos, nesse sentido que elas/es reconhecem que essas práticas ocorrem diariamente, com pessoas próximas, ou as/os próprias/os adolescentes já estiveram em um relacionamento abusivo, e que, conforme uma pesquisa realizada pelo Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, em 51,9% dos casos de violência contra a mulher, o agressor é o próprio companheiro (BRASIL, 2016).

Ao discutirmos sobre algumas questões sobre corpo, cabelo, beleza e estética que foram apresentados nos esquetes, é tecido um breve diálogo:

- *A mulher está sempre se arrumando pra ficar bonita (A3).*


- *Mas nós vimos que em algumas apresentações, os namorados xingaram as meninas dizendo que o cabelo estava feio, que a roupa não era legal. Por que isso?*
(Pesquisadora)

- *Ah, porque é uma ofensa! (A4)*

Foi possível observar, tanto nos esquetes, como nas narrativas durante a discussão, a preocupação das mulheres estarem sempre bem arrumadas, maquiadas, vestidas e com cabelos bonitos. Mas isso, nos esquetes apresentados, foi usado como crítica pelos namorados, ridicularizando suas namoradas pelo modo como estavam produzidas, o que entendemos enquanto uma violência. Sobretudo, é inegável a cobrança da sociedade sobre a beleza das mulheres, cabendo destacar “a presença de padrões ideais de estética e sedução

⁴ Utilizaremos o código A junto com o número da/o estudante como modo de manter a sua identidade e apenas apresentar sua narrativa.





sexual que exercem poder disciplinar nos corpos femininos e lhes atribuem poder simbólico, diferenciando-os e distinguindo-os em termos de valor e de prestígio” (MIRANDA, 2010, s/p).

O ciúme foi outro aspecto muito representado nos esquetes, e motivo de questionamento:

- *Mas vocês não acham que um ciuminho é bom? (Pesquisadora)*
- *Não! (A6)*
- *Sim! (A7)*
- *Quando não é aquela coisa sufocante! (A8)*
- *Tem ciúme e tem possessividade. Né? (A7)*
- *É que eu acho que a possessividade sempre começa nesse “ciuminho”. (A6)*
- *Sora, quando a L. namorava, o namorado ligava pra mim e pra N. e pedia pra gente conferir se ela estava com 2 blusões. Ele mandava a gente conferir se ela estava com roupa, se tinha comido... (A7)*
- *Mas não é cuidado? (Pesquisadora)*
- *Acho que ele não tinha que mandar conferir, só perguntar se ela está bem, perguntar pra ela. (A8)*

De acordo com Nascimento e Cordeiro “o ciúme desempenha papel de demonstração de amor, mesmo de forma confusa, e de justificativa para a violência” (2011, p. 518). Ainda segundo as autoras isso é “influenciado pela concepção de amor vivenciada pelo casal, que permitirá, em maior ou menor medida, o uso da violência na relação” (2011, p. 519). Dependendo dessa concepção, as violências nas suas diversas faces são naturalizadas por ambas as partes, seja aquela que exerce violência, ou aquela que a pratica.


Quando meninas/os crescem em um ambiente de violência, poderão tomar aquele exemplo para suas futuras relações, e assim, perpetuar essa cultura de violência que existe e vem aumentando. Assim, consideramos importante discussões em torno destas temáticas.

Algumas considerações

A partir das narrativas é possível considerar que entre os esquetes apresentados os comportamentos abusivos se destacam e passam enquanto naturalizados pelas/os estudantes. Talvez, por essa naturalização é que a violência no namoro possa ser a face menos visível, afinal, por mais que não existam motivos para se manter em um relacionamento abusivo, as/os adolescentes reproduzem tais situações enquanto corriqueiras.

Diversos comentários que culpabilizam e responsabilizam a mulher pelas agressões e violências sofridas estavam presentes nas narrativas apresentadas e entendemos que isso se dá





por conta do histórico de banalização da violência contra a mulher, podendo ser percebido nas violências encenadas que foram, em sua maioria, destinadas às mulheres.

Assim, reconhecemos a importância de debates sobre questões da produção dos gêneros, dos relacionamentos, das compreensões do amor, nessa busca por complementaridade, implicando, muitas vezes, a submissão e aceitação de violências. Quando problematizamos essas questões, colocamos em xeque os estereótipos de gêneros que marcam posições para mulheres e homens, além de pensar sobre os preconceitos e discriminações vivenciados por mulheres e homens na sociedade. Assim sendo, possibilitamos o pensamento em busca do rompimento das atribuições para homens e mulheres, reconhecendo e valorizando as diferenças e as capacidades de cada sujeito.

Dessa forma, entendemos que atividades para o reconhecimento e combate à violência no namoro devem estar presentes nas discussões com estudantes, pois entendemos que o espaço escolar é privilegiado para a ocorrência destas relações. Nesse sentido, se faz necessário a abordagem de temas como gêneros, sexualidades e suas demais faces, que inclui a violência de gêneros e violência no namoro, para o rompimento desses padrões de relacionamentos, e desnaturalização de situações de violências.

Referências

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. **Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília, 2016. Disponível em:

<<http://www.observatoriodegenero.gov.br>> Acesso em: 24 maio 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. 11. ed. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 287p.

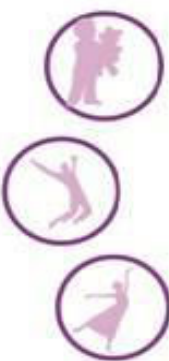
CONNELLY, F. Michel; CLANDININ, D. Jean. **Narrativa e investigación educativa**. Laertes. Barcelona, 1995. 242p.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista Faculdade Educação**, São Paulo, v. 23, n.1/2, jan./dez. 1997. p. 185-195.

FELIPE, Jane; MACEDO, Carmen Galet. Violências de gênero, amor romântico e famílias: entre idealizações e invisibilidades, os maus tratos emocionais e a morte. *In*: Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 6.; Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, 2.; Encontro Gênero e Diversidade na Escola, 2. **Anais...** Juiz de Fora, set. 2014. p. 2799-2811.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996. 680p.





LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação”. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

MARTINS, Ana Paula Antunes. Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. **Gênero**, Niterói, v. 17, n. 2, p. 9-28, 1. sem. 2017.

MIRANDA, Cynthia Mara. A construção do ideal de beleza feminina em comerciais de televisão. **Alcar** – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia I Encontro de História da Mídia da Região Norte Universidade Federal do Tocantins, Palmas. Outubro de 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/A%20CONSTRUCaO%20DO%20IDEAL%20DE%20BELEZA%20FEMINI NA%20EM%20COMERCIAIS%20DE%20TELEVISaO.pdf>. Acesso em: 16 maio 2018.

NASCIMENTO, Fernanda Sardelich; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 3, p. 516-525, 2011.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira *et al.* Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 3, 1-12, jul./set. 2016.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

